

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia · Teologia · Prática

Volume 13
Número 2
Dezembro 2024

“MENTORIA HISTÓRICA”: A BIOGRAFIA DE CRISTÃOS NOTÁVEIS COMO MÉTODO DISCIPULAR E MISSIONÁRIO

“HISTORICAL MENTORING”: THE BIOGRAPHY OF NOTABLE CHRISTIANS AS A DISCIPLE AND MISSIONARY METHOD

Dr. Diogo da Cunha Carvalho¹

Dr. Valtair Afonso Miranda²

RESUMO

O artigo “Mentoria histórica: a biografia de cristãos notáveis como método discipular e missionário” aborda o papel do registro da vida de figuras cristãs admiráveis no desenvolvimento da fé e na promoção das missões. O texto explora como essas narrativas inspiram a formação de discípulos e mentores, destacando o impacto de biografias antigas, como a *Vita Antonii*, na história do cristianismo. A obra também discute o uso de biografias modernas para mobilizar vocacionados, a exemplo da história de missionários como David Brainerd e Noemi Campelo, mostrando seu papel na motivação e no avanço da obra de missões.

Palavras-chave: Biografia. Missões. Hagiografia. Cristianismo. Mentoria.

ABSTRACT

The article “Historical mentorship: The Biography of Notable Christians as a Method for Discipleship and Missions” discusses the role of the register of admirable Christian’s figures in the development of faith and the promotion of missions. It explores how these narratives inspire the formation of disciples and

¹ Mestre em Estudos Teológicos com ênfase em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (EUA) e Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor de Missiologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro. E-mail: diogo@missoesnacionais.org.br.

² Pós-doutor em Cognição e Linguagem (UENF), Doutor em História (UFRJ), Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Professor convidado do Programa de Pós-graduação e Linguagem da UENF, e professor de História do Cristianismo na Faculdade Batista do Rio de Janeiro. E-mail: valtairmiranda@gmail.com

mentors, highlighting the impact of ancient biographies such as *Vita Antonii* in the history of Christianity. The text also examines the use of modern missionary's biographies, such as David Brainerd and Noemi Campelo, to mobilize new workers and to advance missionary efforts.

Keywords: Biography. Missions. Hagiography. Christianity. Mentorship.

INTRODUÇÃO

Em seu livro *O poder de um mentor*, Waylon Moore menciona “mentores históricos”, isto é, aqueles que nos inspiram por meio de suas biografias.³ Este autor norte-americano conhecido por suas contribuições ao campo do discipulado, mentoria e evangelismo faleceu recentemente, em 2022. Em boa parte de sua longa carreira no ensino e nas missões, ele amplamente defendeu o argumento de que a formação de mentores e discípulos é a chave para o desenvolvimento das igrejas. É neste contexto que se entende a expressão “mentor histórico”. A ideia aqui é que não apenas os mentores diretos e imediatos atuam na formação do discípulo, mas também os líderes e grandes figuras de um passado eventualmente remoto. Como essa mentoria indireta acontece? Este é o problema fundamental deste artigo. Para respondê-lo, caminhar-se-á, inicialmente, por algumas questões no campo da literatura, da constituição das identidades cristãs e da própria história do Cristianismo.

1. A BIOGRAFIA COMO GÊNERO LITERÁRIO

O argumento de Moore pressupõe o papel das biografias de figuras significativas da história da Igreja no processo de “mentorar” indiretamente os discípulos do presente. Antes de analisar mais propriamente este argumento, deve-se entender um pouco mais sobre o que é uma biografia.

Julie Singer entende a biografia como parte de um gênero literário mais amplo conhecido como “life writing”, termo técnico que poderia ser traduzido como “narrativas de vida” ou “escritas de vida”. Essa expressão é relativamente recente no campo dos estudos literários e pretende descrever fontes de experiências reais de vida previstas em documentos ou relatos que contêm memórias, diários, cartas pessoais, síntese da vida de terceiros, síntese da própria vida e tradições orais a respeito de figuras individuais.⁴ Como um gênero literário consiste do conjunto de textos que se parecem na forma, no conteúdo e na função, o que se tem aqui é uma tradição literária que começou mesmo na antiguidade, com o objetivo de guardar os eventos significativos de vidas significativas. De fato, não se faz biografia de qualquer pessoa, mas de alguém importante para quem produz o relato biográfico.

A história dos livros, entretanto, é muito seletiva. Dos milhares de livros produzidos em um certo período do mundo antigo, apenas uma pequena parte sobreviveu ao tempo e chegou até o presente. Sobreviveram apenas aqueles que conseguiram uma repercussão ampla o suficiente para que suas cópias fossem passadas de geração a geração. Dessa forma, biografias de pessoas relevantes exclusivamente para um grupo muito pequeno podem ter sucumbido ao teste do tempo e desaparecido na poeira da história. Apenas as biografias que conseguiam cair no gosto de um número maior de pessoas perduraram. Como registrou um estudioso da literatura antiga, “praticamente tudo o que dela nos resta para ler é de primeira qualidade; o tempo fez desaparecer o resto”.⁵

Nigel Hamilton é um historiador e escritor britânico, radicado nos Estados Unidos, que se tem dedicado à pesquisa sobre a biografia enquanto gênero literário, mas também à escrita de biografias. Uma de suas mais conhecidas obras é uma biografia do ex-presidente americano John Kennedy.

³ MOORE, Waylon. **O poder de um mentor**. Rio de Janeiro: JMN, 2015, p. 11.

⁴ SINGER, Julie. Autobiography and biography. In: CLASSEN, Albrecht (ed.). **Handbook of Medieval Studies: terms, methods, trends**. New York: De Gruyter, 2010, p. 1614-1617.

⁵ DOVER, K. J. A literatura grega posterior a Homero. In: LLOYD-JOVES, HUGH (cord.). **O mundo grego**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 78-92.

Em seu livro *Biography, a brief history*, ele se propõe a narrar a história da biografia.⁶ Para ele, o mais antigo documento literário descoberto pela arqueologia, ainda no formato de tabuinhas de barro, é justamente uma biografia. Ele se refere, nesse caso, à *Épopeia de Guilgamesh*, surgida em algum lugar da Mesopotâmia por volta de 2.000 antes de Cristo. Esse texto conta a história do violento rei de Uruk ao partir em busca do segredo da imortalidade. Em função disso, Hamilton aponta para o elemento mais fundamental de uma biografia: seu foco no indivíduo, em uma pessoa. Enquanto sociólogos descrevem o movimento das sociedades, biógrafos tratam do desenvolvimento de figuras individuais, e ao fazê-lo, discutem os temas que estas compartilham com outros humanos: amor, medo, coragem, perigo, altruísmo, fé e morte. Dessa maneira, o que levou pessoas a escreverem biografias no mundo antigo, e outras pessoas a consumirem estas mesmas biografias era a busca pela “percepção do caráter humano, experiência de vida e emoção humana, como guias para nossa própria compreensão complexa de nós mesmos, como indivíduos”.⁷

Essas obras desejavam educar para a vida: a vida idealizada pelo biógrafo, no caso. Plutarco, ao escrever *Vida de Timoleón*, queria formar bons cidadãos romanos, segundo seu ponto de vista. Nesse exemplo, Plutarco, vivendo no século I, narrou a vida de Timoleón, general grego nascido em Corinto no século IV antes de Cristo e que liderou uma guarnição grega para libertar a cidade de Siracusa, no sul da Península Itálica. Eis aqui os elementos da biografia antiga: Timoleón era relevante para Plutarco porque suas qualidades deveriam ser replicadas entre seus contemporâneos. As biografias, portanto, relatam aspectos da vida de uma pessoa importante para o biógrafo, o qual seleciona, da existência do biografado, experiências, realizações e falas que devem ser promovidas na posteridade. Não se escreve biografia de pessoas sem propósito.

É por isso que Talbert, mesmo sendo mais restrito em sua definição de biografia, e a situando apenas a partir do século IV a.C., com Aristóximo, insiste que o biografado deve ser uma figura “distinta ou notória (reis, generais, filósofos, figuras literárias, legisladores, santos)”. Para ele, a biografia tem a função de registrar a “essência da pessoa”.⁸

2. RELATOS BIOGRÁFICOS NA BÍBLIA

Nos livros que compõem a Bíblia, há textos que se aproximam bastante do gênero biográfico, mas que, dado o seu foco e propósito distintos, não são, em si, biografias. Gordon Fee e Douglas Stuart esclarecem que os textos que mais se parecem com biografias na Bíblia são os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, embora não possam ser assim definidos.⁹ Há, neles, elementos biográficos, mas não são biografias de Jesus. A erudição bíblica, inclusive, faz questão de defini-los como um gênero próprio no mundo antigo. Marcos seria o próprio criador desse gênero, que passou a ser conhecido como “evangelho”. Por que esses relatos não seriam biografias? Porque seu propósito não foi, primariamente, narrar a vida de Jesus, mas sim encontrar nos atos e falas dele aquilo que seria relevante para que a audiência do texto crese que ele era o Cristo, o Filho de Deus. O evangelista João resumiu a ideia: havia muitos aspectos disponíveis sobre Jesus sobre os quais poderia escrever, mas só incorporou no seu relato o que fosse útil para que os leitores, uma vez lendo-o, cressem, e crendo, alcançassem vida eterna (Jo 20.31).

O mesmo argumento pode ser usado para outros textos narrativos da Bíblia. Atos dos Apóstolos, por exemplo, não é uma biografia dos apóstolos. Há apóstolo que não mereceu uma linha sequer do relato lucano. Pedro e Paulo, os que mais aparecem, também surgem em relatos lacunares. O autor não menciona, por exemplo, o que aconteceu com eles no final da vida, onde e como morreram. No

⁶ HAMILTON, Nigel. **Biography: a brief history**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

⁷ HAMILTON, 2007, p. 10.

⁸ TALBERT, C, H. Once Again: Gospel Genre. **Semeia**, Atlanta, n. 43, 1988, p. 55.

⁹ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 156.

Antigo Testamento, encontramos as maiores seções narrativas da Bíblia, onde livros inteiros levam nomes de figuras individuais, como Jó, Ester, Rute, Samuel. Mas é possível perceber, facilmente, que Jó não descreve a vida do honrado sofredor; tampouco Ester é a biografia da rainha de mesmo nome, nem Rute é o relato de vida da jovem viúva moabita, nem Samuel é o personagem principal do livro que carrega seu nome. Apesar de esses livros levarem os nomes de figuras individuais, querem contar, no final, a história do povo de Deus. Deus é o herói de todas essas histórias – a história é dele, e não de Abraão, Davi ou Salomão.

3. A BIOGRAFIA NA IGREJA ANTIGA E NA IDADE MÉDIA

Com alguma probabilidade, então, as biografias começaram a grassar entre os discípulos de Jesus a partir do século II, relacionadas com dois fenômenos. O primeiro é o martírio, e o segundo, o entretenimento cristão. No período que vai do século II até o início do século IV, o Cristianismo se desenvolveu lentamente, enfrentando hostilidade e perseguição eventual, mas num processo contínuo de crescimento e organização das comunidades. Estudiosos como John Gager argumentam que esse processo foi suficiente para levar o grupo até os 20% da população do Mediterrâneo ao tempo da conversão de Constantino, em 312.¹⁰ Isso significa que, se as hostilidades eventuais geravam os mártires, na maior parte do tempo as comunidades só queriam mesmo sobreviver. Em situações como essa, as igrejas se pareciam muito com comunidades cristãs em situação de minoria cognitiva, como ocorre hoje, por exemplo, com as igrejas de países de maioria muçulmana. Nessa situação, os crentes ficam muito próximos entre si, e procuram viver e produzir o necessário para alimentar sua fé.

É aqui que entra o fenômeno do entretenimento cristão, acima mencionado. Se as narrativas de martírio – como o *Martírio de Policarpo*, a *Paixão de Perpétua e Felicidade*, *Atas dos Mártires* e *Vida e Paixão de São Cipriano* – representam o desejo desses crentes de registrar a morte de seus heróis cristãos, os Atos Apócrifos replicam as biografias dos grandes homens encontradas com frequência no mundo romano do período. A obra mais antiga é *Atos de André*, surgida em torno de 150 e, em seguida, vieram *Atos de Pedro*, *Atos de Paulo*, *Atos de João* e *Atos de Tomé*, este último perto de 212. Todas essas obras foram construídas em torno de um enredo comum: as aventuras destes apóstolos em uma certa cidade, suas pregações, milagres, embates com os magistrados locais e mortes. O papel desses Atos Apócrifos é parecido com o das novelas cristãs da atualidade, mesmo que os personagens sejam figuras do mundo bíblico. Daí o vínculo com o entretenimento cristão.¹¹

Ainda, nesse contexto, é possível apontar o surgimento do homem santo. Esta figura aparece em um momento no qual ser cristão não bastava: era preciso abraçar um cristianismo do tipo radical, para agradar a Deus. Segundo Peter Brown (1981),¹² esses santos, na forma de monges, eremitas e ascetas, serviam como modelo de vida para os demais cristãos. Em vida, eles atraíam as comunidades até seus lugares de refúgio. Após a morte, foram imortalizados em documentos conhecidos como Hagiografias. O termo significa, literalmente, “escrita sobre o santo”. Estima-se que a Idade Média tenha gerado milhares desses escritos, apesar da mesma lógica anteriormente usada para falar da sobrevivência das biografias antigas seja usada aqui. Ou seja, apenas as hagiografias que tiveram uma maior repercussão sobreviveram.

Algumas figuras significativas da história do Cristianismo viriam a ter suas vidas transformadas pelo encontro com estas hagiografias. Agostinho de Hipona foi uma delas. Este teólogo africano, nascido em Tagaster e morto em Hipona, cidades da região onde hoje fica a Argélia, narrou, em sua obra *Confissões*, o impacto que a hagiografia de Antônio, intitulada *Vita Antonii*, teve em sua

¹⁰ GAGER, John. **Kingdom and community: the social world of Early Christianity**. New Jersey: Prentice-Hall, 1975, p. 114.

¹¹ PIÑERO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo (orgs.). **Hechos apócrifos de los Apóstoles I**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2012, p. 17.

¹² BROWN, Peter. **The cult of the saints: its rise and function in Latin Christianity**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981. p. 17.

caminhada espiritual. Antônio havia sido um cristão que decidiu abandonar a aldeia de Coma, no Egito, para viver uma vida de simplicidade e relacionamento com Deus no deserto. Nascido em 251, deve ter abraçado o eremitismo em torno de 280. Se os dados tradicionais estiverem corretos, ele permaneceu ali por quase 70 anos, morrendo em 356. Por seu estilo de vida, é claro que Antônio nunca buscou popularidade. Quem o tornou popular foi o bispo Atanásio, de Alexandria (296-373), que dedicou uma hagiografia ao asceta pouco depois da morte deste, com o objetivo de promover sua paixão pela oração e santidade.

Agostinho se converteu enquanto estava em Milão, ouvindo as pregações de Ambrósio, entre 386 e 387. Ele era professor de Retórica na época. Mas mesmo após sua conversão, ele não sabia direito o que fazer da vida. É aqui que a hagiografia de Antônio o transformou. Ao ter contato com essa obra, Agostinho notou a grande diferença entre sua vida e a vida de Antônio. Percebeu o quanto a busca por conforto era fútil, e decidiu abraçar o Cristianismo com a seriedade que demanda. Quatro anos depois, ele já estava em Hipona servindo como diácono e, em pouco tempo, tornou-se o bispo da cidade, o pastor daquelas vidas até o seu último dia na terra, em 430. A história de Antônio transformou a vida do maior teólogo do mundo antigo e, para muitos, até hoje, um dos maiores teólogos da história.

Outra hagiografia de larga repercussão, intitulada *Diálogos*, foi produzida por Gregório Magno em 593. Ele decidiu contar a história de Bento de Núrsia visando inspirar nos leitores os valores da disciplina, da renúncia ao mundo, da humildade e da resistência às paixões. Bento viveu entre os anos 480 e 547, e terminou sua vida na abadia que ele mesmo fundou em Monte Cassino, na Itália. Leitores das gerações seguintes se valeriam desta obra a ponto de ela ser apontada como um fator significativo para inspirar as reformas eclesásticas ocorridas da Idade Média Central, como as cluniacenses e cistercienses. Joaquim de Fiore, que vivia no sul da Itália entre 1135 e 1202, foi um dos líderes reformistas impactados pela leitura de *Diálogos*. Esse impacto foi tão forte que uma das formas que ele usou para dividir a história do Cristianismo foi “antes de Bento” e “depois de Bento”. Bento o inspirou na vida eremita inicial e, em seguida, na reforma de seu próprio monastério em Corazzo. Quando percebeu que os monges de Corazzo não queriam levar a vida cristã como Bento a levou, ele saiu dali e fundou seu próprio monastério, em Fiore, na Calábria, para que pudesse promover livremente a vida cristã na intensidade que aprendera da obra *Diálogos*.¹³

Como visto, as hagiografias tinham o potencial de mudar a vida de pessoas, mesmo muito tempo depois da morte dos hagiografados. A leitura dessas obras promovia ideais cristãos e seriedade na caminhada espiritual. As vidas dos heróis cristãos hagiografados inspirou leitores de todos os tipos durante todo o tempo em que circularam na história. Mesmo em um contexto em que poucos sabiam ler, os clérigos separavam um espaço na liturgia para a leitura de certas partes dessas obras. Ao ser lida, *Vita Antonii* promoveu o surgimento de outros “antônios”. Enquanto teve repercussão, *Diálogos* gerou outros “bentos” pelo caminho.

4. BIOGRAFIAS E O MOVIMENTO MODERNO DE MISSÕES

Nos tempos modernos, um dos métodos usados para promover impulsos significativos na história de missões é a produção de biografias missionárias.

Em 1758, Jonathan Edwards (1703-1758) sentiu-se movido a publicar o diário de David Brainerd (1718-1747), visando “promover o benefício espiritual dos observadores atentos”.¹⁴ Brainerd havia sido um jovem missionário com um curto, porém impactante ministério de pregação entre os índios Delaware, nos Estados Unidos. Sua devoção a Deus e compaixão pelas almas perdidas comoveram Edwards e, graças à iniciativa de publicar esse diário, outros homens notáveis foram influenciados,

¹³ MIRANDA, Valtair A. Uma nova igreja numa nova era: uma aproximação ao Praephatio Super Apocalypsim de Joaquim de Fiore. *Reflexus*, ano VIII, n. 12, 2014, p. 257.

¹⁴ EDWARDS, Jonathan. **A vida de David Brainerd**. São José dos Campos: Fiel, 1993, p. 8.

como John Wesley (1703-1791), William Carey (1761-1834), Henry Martyn (1781-1812), Charles Spurgeon (1834-1892) e Jim Elliot (1926-1957), entre outros.

Segundo John Piper, a vida santa de Brainerd foi “um fator primordial na inspiração de William Carey”¹⁵. Foi ao ler essa história que este sapatista inglês consagrou a vida ao serviço de Cristo e decidiu lançar-se às densas trevas da Índia¹⁶. A menção, na capa da edição em Português de *A vida de David Brainerd*, de que esse foi o livro que inspirou o movimento moderno de missões, não é exagerada.¹⁷

Orlando Boyer assim sumariza o impacto de tal biografia:

Escrita por Jônatas Edwards e revisada por João Wesley, teve mais influência sobre a vida de A. J. Gordon do que qualquer outro livro, exceto a Bíblia. Guilherme Carey leu a história da sua obra e consagrou a sua vida ao serviço de Cristo, e nas trevas da Índia! Roberto McCheyne leu o seu diário e gastou a sua vida entre os judeus. Henrique Martyn leu a sua biografia e se entregou para consumir-se dentro de um período de seis anos e meio no serviço de seu Mestre, na Pérsia.¹⁸

Observe o que John Wesley disse sobre o referido diário:

Que cada pregador leia atentamente sobre a vida de Brainerd. Que sejamos seus imitadores, assim como ele o era de Cristo, em absoluta devoção pessoal, sem dar ouvidos ao mundo e em fervente amor a Deus e aos homens.

Agora, Jim Elliot:

Ao ler o diário de Brainerd, compreendi melhor o valor da biografia de um cristão. Gozei de muita doçura (usando a linguagem de Brainerd) lendo sobre os últimos meses de sua vida... Senti-me muito encorajado ao refletir sobre uma vida de santidade, à luz da possibilidade de uma morte precoce.

De fato, é impossível medir o quanto aquela ideia de Edwards, de divulgar as anotações pessoais de Brainerd, foi crucial para desencadear os extraordinários empreendimentos de evangelização mundial que ocorreram a partir do fim do século 18 e prosseguiram até os dias atuais. E quantos mais não foram influenciados por esses outros homens, cujas biografias são até hoje divulgadas, como a de William Carey?

5. A BIOGRAFIA E A OBRA MISSIONÁRIA BATISTA BRASILEIRA

Entre os batistas brasileiros, também há registros do efeito de biografias na vida e no ministério de importantes líderes missionários. De acordo com Ruth Matheus, biógrafa de Lewis Malen Bratcher (1888-1953), secretário-correspondente (cargo equivalente ao atual diretor executivo) da Junta de Missões Nacionais durante quase 28 anos (1926-1953), este teve sua trajetória marcada pela leitura, ainda na adolescência, das biografias de David Livingstone e de John Paton.¹⁹

Anos mais tarde, quando já ocupava o comando da Junta, Bratcher dispôs de recursos pessoais para a aquisição de uma máquina de escrever, visando à publicação da biografia da missionária Noemi Campelo (1906-1928). Essa ação resultou no lançamento, em 1932, do livro *A heroína de Kraonópolis*, de autoria de Stela Câmara Dubois.²⁰ Noemi fora enviada, junto com o esposo Zacarias Campelo, como missionária aos índios Kraôs e tivera sua vida e ministério interrompidos pelo prematuro falecimento. Ela havia lido a biografia de David Livingstone, a qual lhe tinha sido emprestada por Zacarias “para edificá-la na compreensão da obra missionária”. Pensando que ele queria ser “um novo Livingstone”, Noemi acabou encantando-se pelos planos mirabolantes de Zacarias, casou-se com ele e rendeu-se à

¹⁵ PIPER, John. **Seu sofrimento desencadeou um movimento (David Brainerd)**. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2019/12/seu-sofrimento-desencadeou-um-movimento-david-brainerd/> Acesso em: 1 mar. 2024.

¹⁶ BOYER, Orlando. **Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 79.

¹⁷ Conforme aparece na capa de sua edição em Português da Editora Fiel.

¹⁸ BOYER, 2002, p. 94.

¹⁹ MATHEWS, Ruth Ferreira. **O apóstolo do sertão**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da CBB, 1967, p. 13.

²⁰ **O JORNAL BATISTA**, ano XXXII, n. 15, 14 abr. 1932, p. 9.

evangelização dos índios.²¹

Essa história já havia tocado muitas vidas, mesmo antes de ser publicada. Uma delas foi a de Marcolina Figueira de Magalhães (1909-1988), que, ao ouvir, no início dos anos 1930, Zacarias falar de Noemi e seu trabalho entre os índios, sentira seu coração bater forte. Na biografia de Marcolina, esse momento vem assim narrado:

Num de seus relatórios, o Pr. Zacarias narrou o trabalho de Noemi, seu sofrimento e morte na taba dos craôs. Acentuou a necessidade de alguém que falasse de Cristo aos indígenas. Para Marcolina, foi como se o Senhor lhe dissesse: "A quem enviarei, e quem irá por nós?" (Isaías 6.8). Na Escola de Trabalhadoras Cristãs, em lágrimas, ela orava para que pudesse chegar ao interior, onde Noemi trabalhara e morreria.²²

Com a publicação de *A heroína de Kraonópolis*, o alcance da influência de Noemi se estendeu ainda mais. O Jornal Batista de 8 de setembro de 1932 relata a carta de uma leitora de Niterói, na qual declara: "Li o livro e confesso que a minha fé se fortaleceu e o meu espírito cristão se robusteceu no desejo de conhecer melhor o exemplo nobre, altruísta, firme e forte daquela que já rendeu o seu espírito ao Criador". Então, faz um apelo: "Jovens batistas brasileiros, lede este livro, imitai o nobre exemplo de nossa heroína, aprendei da sua consagração e da sua coragem, e estai sempre prontos a sacrificar-vos pelo vosso Salvador".²³ Uma das pessoas alcançadas por essa publicação foi Margarida Lemos Gonçalves (1927-2012), notável missionária de Missões Nacionais, que atuou como educadora no antigo norte de Goiás, hoje Tocantins.²⁴

O projeto de lançamento dessa obra representava muito mais do que a simples edição de um livro. Em cativante prefácio, que captura a essência da iniciativa, o pastor Manoel Avelino de Souza convidou o leitor a aprender a lição dessa missionária pioneira, seguir seu exemplo, inspirar-se na beleza de seus ideais, de sua fé de seu caráter humilde e sublime; enfim, abrir o coração, colocar-se ao lado da obra que ela começou entre nós e dar a vida no trabalho do Salvador.²⁵

Bratcher também fazia questão de exaltar a importância de literaturas missionárias para a inspiração de novos obreiros. Em nota ao Jornal Batista, em 1934, lamentou que talvez ainda houvesse quem ignorasse o valor desse tipo de trabalho, visto que, àquela altura, a primeira edição da referida biografia ainda não estava esgotada.²⁶ Esse cenário mudou, anos mais tarde. Em 1950, na apresentação da terceira edição²⁷, ressaltou que "talvez não haja na língua portuguesa outro livro que tenha exercido tanta influência sobre a mocidade batista brasileira, na conquista da pátria para Cristo, do que este relato"²⁸; e exprimiu sua oração para que essa obra "seja, como foi até agora, uma inspiração para a mocidade e para todos que amam a Causa da Evangelização Pátria".²⁹

O entusiasmo de Bratcher com missões, aliado à visão estratégica em relação aos meios que deveriam ser empregados para esse fim – inclusive a biografia, como instrumento de mobilização de vocacionados –, foi responsável por um extraordinário avanço enquanto esteve à frente da referida Junta. Vinte anos depois do lançamento de *A heroína de Kraonópolis*, o relatório da Junta de Missões Nacionais reportava um total de 149 obreiros atuantes em treze estados, além do Distrito Federal e do

²¹ AMARAL, Othon Ávila. Há 100 anos nasceu "a heroína Craonópolis". In: **O JORNAL BATISTA**, ano CVI, n. 38, 17 set. 2006, p. 14.

²² FREITAS, Ida de. **A missionária que abriu caminhos**: Marcolina Figueira de Magalhães. 3.ed. Rio de Janeiro: UFMBB, 2010; p. 13.

²³ **O JORNAL BATISTA**, ano XXXII, n. 36, 8 set. 1932, p. 6 (atualizei a ortografia).

²⁴ AMARAL, Othon Ávila. Margarida Lemos Gonçalves, a educadora do Tocantins. In: OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **100 anos da Junta de Missões Nacionais da CBB**. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, 2007, p. 260.

²⁵ DUBOIS, Stela Câmara. **A heroína de Kraonópolis**. Rio de Janeiro: Batista de Souza e Cia, 1951, p. 11.

²⁶ **O JORNAL BATISTA**, ano XXXIV, n. 2, 11 jan. 1934, p. 5-7.

²⁷ A segunda havia sido produzida em 1938.

²⁸ **O JORNAL BATISTA**, p. 5 (atualizei a ortografia).

²⁹ **O JORNAL BATISTA**, p. 6 (atualizei a ortografia). Além disso, no relatório da Junta prestado à CBB em 1952, Bratcher ressaltou que esse livro havia "contribuído para a inspiração dos crentes, para a evangelização e para o progresso da Causa". CBB. Atas, relatórios e pareceres da trigésima quinta assembleia anual. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1952. p. 56.

território de Guaporé, hoje Rondônia.³⁰

Os exemplos do poder inspirador e mobilizador das biografias missionárias, tanto em missões nacionais quanto em missões mundiais, são incontáveis. Mencionem-se apenas mais dois, ainda atinentes à experiência batista brasileira.

David Gomes (1919-2003), que sucedeu Bratcher como secretário-executivo da Junta de Missões Nacionais, onde serviu por catorze anos (de 1954 a 1968), consignou, certa vez, seu "indisfarçável interesse" pela vida de George Müller, evangelista e missionário inglês conhecido por sua inabalável fé na providência de Deus.³¹ Müller, por sua vez, havia sido inspirado a fundar um orfanato a partir da leitura da biografia de Augusto Framke, "cuja vida fora, cerca de um século antes, dedicada a proteger órfãos, solicitando unicamente a Deus o provimento de meios para aquela realização caridosa".³²

Também citem-se os Embaixadores do Rei, organização iniciada nos Estados Unidos em 1883 e trazida ao Brasil pelo missionário norte-americano William Alvin Hatton na década de 1940.³³ A organização, cujo objetivo é desenvolver o caráter cristão de adolescentes e pré-adolescentes, busca fazê-lo por meio de ajudá-los a conhecer mais a Bíblia e a obra missionária, razão por que também enfatiza a leitura de biografias. O próprio Hatton tivera seu desejo de tornar-se um missionário durante um estudo sobre a vida e obra de David Livingstone, pioneiro na África.³⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme sustentou Waylon Moore, a produção e leitura de biografias é um método que tem sido largamente usado para, na contemporaneidade, prover uma *mentoria histórica* aos cristãos que se deixem inspirar por seus relatos. Na realidade, esta pesquisa constatou que esse tipo de texto já era utilizado, na história antiga e medieval, para educar para a vida a partir do exemplo de outra pessoa, que se apresentava, segundo a visão do autor, como um padrão a ser emulado. Assim ocorreu com diversas obras, como a *Vida de Timoleón*, de Plutarco, e a literatura de martírio e entretenimento cristão, antes mencionados. Também se verificou que, ainda na Idade Média, as biografias tiveram um grande impacto em importantes figuras, como Agostinho e Joaquim de Fiori. Essa mentoria indireta, disponibilizada por meio de textos que narram a história de cristãos exemplares e intencionalmente selecionados para influenciar positivamente a vida de outros, é largamente comprovada na história.

Com efeito, ainda hoje as biografias têm o poder de estimular uma maior consagração pessoal à vida cristã e à causa missionária. Quem, ao ler sobre George Müller, não é guiado a elevar sua confiança na provisão de Deus? Quem, ao ler sobre Hudson Taylor, não é levado a orar mais pela salvação de um povo (no caso dele, a China)? Quem, ao ler sobre Jim Elliot, não fica mais disposto a sacrificar a vida no altar de missões? Quem, ao submeter-se a essa mentoria histórica, não é inspirado a fazer mais, empreender, sair da mediocridade e realizar algo relevante, ainda que, por força da influência dessas mesmas biografias, o caminho para a relevância geralmente passe por renúncia, morte para si mesmo e anonimato?

Enfim, espera-se que o presente artigo venha a estimular novas pesquisas em torno do tema, bem como um estudo mais dedicado às biografias, sobretudo missionárias, tanto para fins acadêmicos como pastorais, seja em faculdades e seminários de teologia seja em comunidades eclesiais, especialmente entre as juventudes, tendo em vista uma maior conscientização e consagração ao discipulado cristão e

³⁰ OLIVEIRA, 2007, p. 76-77.

³¹ LOBO, H. P. de Castro. **George Müller**: 50 mil orações respondidas. Rio de Janeiro: Escola Bíblica do Ar, 1986, p. 5-6. David Gomes assina a Apresentação do livro.

³² LOBO, 1986, p. 29.

³³ DEPARTAMENTO NACIONAL DE EMBAIXADORES DO REI/SECRETARIA NACIONAL DE HOMENS BATISTAS. **Manual do Embaixador Sênior**. Rio de Janeiro: Convicção, 2023. p. 12.

³⁴ **SOBRE A ORGANIZAÇÃO E. R.** Disponível em: <<https://www.embaixadoresdorei.org/historia-sobre-embaixadoresdorei.html>>. Acesso em 1 mar. 2024.

à causa global de missões.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Othon Ávila. Há 100 anos nasceu “a heroína Craonópolis”. In: **O JORNAL BATISTA**, ano CVI, n. 38, 17 set. 2006.

AMARAL, Othon Ávila. Margarida Lemos Gonçalves, a educadora do Tocantins. In: OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **100 anos da Junta de Missões Nacionais da CBB**. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, 2007.

BOYER, Orlando. **Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

BROWN, Peter. **The cult of the saints: its rise and function in Latin Christianity**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

CBB. **Atas, relatórios e pareceres da trigésima quinta assembleia anual**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1952.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE EMBAIXADORES DO REI/SECRETARIA NACIONAL DE HOMENS BATISTAS. **Manual do Embaixador Sênior**. Rio de Janeiro: Convicção, 2023.

DOVER, K. J. A literatura grega posterior a Homero. In: LLOYD-JOVES, HUGH (cord.). **O mundo grego**. Rio de Janeiro: Editores, 1977. p. 78-92.

DUBOIS, Stela Câmara. **A heroína de Kraonópolis**. Rio de Janeiro: Batista de Souza e Cia. Editores, 1951.

EDWARDS, Jonathan. **A vida de David Brainerd**. São José dos Campos: Fiel, 1993.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes tu o que lês?** Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FREITAS, Ida de. **A missionária que abriu caminhos**: Marcolina Figueira de Magalhães. 3.ed. Rio de Janeiro: UFMBB, 2010.

GAGER, John. **Kingdom and community: the social world of Early Christianity**. New Jersey: Prentice-Hall, 1975.

HAMILTON, Nigel. **Biography: a brief history**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

LOBO, H. P. de Castro. **George Müller: 50 mil orações respondidas**. Rio de Janeiro: Escola Bíblica do Ar, 1986.

MATHEWS, Ruth Ferreira. **O apóstolo do sertão**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da CBB, 1967.

MIRANDA, Valtair A. Uma nova igreja numa nova era: uma aproximação ao Praeaphatio Super Apocalypsim de Joaquim de Fiore. **Reflexus**, ano VIII, n. 12, 2014.

MOORE, Waylon. **O poder de um mentor**. Rio de Janeiro: JMN, 2015.

O JORNAL BATISTA. Ano XXXII, n. 15, 14 abr. 1932.

O JORNAL BATISTA. Ano XXXII, n. 36, 8 set. 1932.

O JORNAL BATISTA. Ano XXXIV, n. 2, 11 jan. 1934.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **100 anos da Junta de Missões Nacionais da CBB**. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, 2007.

PIÑERO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo (orgs.). **Hechos apócrifos de los Apóstolos I**. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2012.

PIPER, John. **Seu sofrimento desencadeou um movimento (David Brainerd)**. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2019/12/seu-sofrimento-desencadeou-um-movimento-david-brainerd/>. Acesso em: 1 mar. 2024.

SINGER, Julie. Autobiography and biography. In: CLASSEN, Albrecht (ed.). **Handbook of Medieval Studies: terms, methods, trends**. New York: De Gruyter, 2010. p. 1614-1617.

SOBRE A ORGANIZAÇÃO E. R. Disponível em: <<https://www.embaixadoresdorei.org/historia-sobre-embaixadoresdorei.html>>. Acesso em: 1 mar. 2024.

TALBERT, C. H. **Once Again**: Gospel Genre. *Semeia*, Atlanta, n. 43, p. 53-73, 1988.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional